

4.

Metodologia

A metodologia de pesquisa escolhida situa-se em uma abordagem qualitativa e interpretativa (Denzin e Lincoln, 2006, Turato, 2000, André, 1995), no âmbito da entrevista de pesquisa (Mishler, 1986, Mendes, 2003), em que emergem narrativas co-construídas (MOITA LOPES, 2002, MISHER, 2002) entre entrevistador e entrevistado. Os instrumentos utilizados na prática interpretativa de análise são fundamentados nas teorias descritas nas seções de fundamentação teórica supracitadas.

Na primeira seção desse capítulo, apresentaremos: a natureza da pesquisa; a pesquisa qualitativa e interpretativista; o pesquisador qualitativo frente às orientações de pesquisa, a pesquisa qualitativa e a dislexia e a entrevista de pesquisa. Já na segunda parte, será tratada a natureza do *corpus* e os sujeitos participantes da pesquisa bem como os contextos de geração de dados. Em um momento posterior, serão contempladas questões referentes à ética da pesquisa, ao tratamento dos dados, ao mapeamento temático dos dados orais organizados para análise e aos critérios de transcrição da fala em interação.

4.1

A natureza da pesquisa

O construto teórico-metodológico adotado nessa pesquisa tem natureza qualitativa. Para que a pesquisa fosse desenvolvida, recorreu-se a um trabalho de pesquisa de fontes bibliográficas e à pesquisa de campo que se consistiu em entrevistas com universitários com dislexia. Durante essas entrevistas, os entrevistados construíram, junto à pesquisadora, narrativas que não só elaboram suas histórias de vidas, mas também revelam motivações, estigmas, atitudes, valores e crenças diante de instituições e pessoas.

4.1.1

A pesquisa qualitativa e interpretativista

Uma vez que uma possibilidade de pesquisa é aberta, torna-se necessária também a escolha por uma série de caminhos a serem percorridos. Um deles, sem dúvidas, diz respeito a uma diretriz teórico-metodológica que possa abarcar as ideias e as interpretações que emergem diante dos dados gerados para determinada investigação.

Nesse estudo, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa como viés para observação de como jovens universitários coconstroem, junto à pesquisadora, identidades em suas narrativas, de modo a avaliar, estabelecer e considerar a rede de relações vivenciada por eles e por pessoas com as quais lidam em instituições como escola e família.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é em si um campo de investigação, onde há, em seu interior, o atravessar de campos e disciplinas que apontam conceitos, particularidades e suposições. Possui também, de forma inerente, uma pluralidade de métodos dentre os quais podemos observar o estudo de caso, a investigação participativa, a entrevista, a observação participante, a análise interpretativa, entre outras.

A pesquisa qualitativa pode ser entendida como atividade situada que localiza o pesquisador em um determinado contexto, conferindo-lhe um conjunto de práticas materiais e interpretativas que servem de instrumentos para visualizar esse mundo e transformá-lo em uma série de representações. (Denzin e Lincoln, 2006, p.17)

Deve ficar claro, segundo Denzin e Lincoln (2006), que a natureza socialmente construída da realidade, a relação entre pesquisador e o que é estudado e as situações que influenciam a investigação são ressaltadas na pesquisa qualitativa tal como, segundo Turato (2000), a proposição de que é no ambiente natural que são configuradas incontáveis características do alvo dos estudos que são contemplados de forma qualitativa.

De acordo com Minayo e Sanches (1993, p.247), esse tipo de natureza metodológica trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões. É, segundo

André (1995, p.17), uma oposição a uma visão empiricista de ciência, buscando interpretação em lugar de mensuração, descoberta em lugar de constatação, assumindo que fatos e valores estão intimamente relacionados (André; 1995, p.17).

A pesquisa qualitativa aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente. É nela também que pesquisador e pesquisados configuram-se como agentes plenos. Por essas razões, é uma prática reconhecida de fazer ciência como atividade social, histórica e não neutra. (De Grande, 2011, Minayo E Sanches, 1993).

Esse modo de fazer pesquisa sustenta a realização e o estudo de entrevistas em narrativas é entendido como espaço de construção de experiências e de identidades.

4.1.2

O pesquisador qualitativo frente às orientações de pesquisa

De acordo com Velho (1978, p.36), a observação participante, a entrevista aberta e o contato direto com o universo investigado constituem a marca registrada da investigação qualitativa. Para o pesquisador que opta por essa natureza de pesquisa, segundo Turato (2000, p.93), não bastam apenas os fatos, pois é preciso também uma interpretação para compreender o que observam e o que a pesquisa quer dizer para os indivíduos e para a cultura.

Além de múltiplo em questões teóricas e metodológicas, admitindo ser, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), um *bricoleur*, visto que a possibilidade de combinar materiais e perspectivas é válida como estratégia para o rigor de sua pesquisa, o pesquisador também tem um comprometimento com a política, com a ética e com a vontade de fazer transformação social.

De acordo com Dias (2011), o olhar multifacetado permite a aproximação e o distanciamento do objeto ou do sujeito de pesquisa, possibilitando a compreensão de características sociais micro e macro e a relação entre ambas. Segundo Turato (2000, p. 96), o pesquisador qualitativo também procura um enquadramento da relação face a face, valorizando as trocas afetivas mobilizadas na interação pessoal.

Ao escolher a pesquisa qualitativa como base para sua pesquisa, o pesquisador deve estar, intrínseca e conscientemente, fazendo suas escolhas e se posicionando no mundo de maneira ampla e não somente de modo científico ou acadêmico, visto que, conforme De Grande (2011), o fazer ciência não é uma atividade descolada de fatores sociais, de crenças e formas sociais de se conceber o mundo.

4.1.3

A pesquisa qualitativa e a dislexia

Ao trabalharmos uma temática inserida dentro do campo de conhecimento de estudos sobre as dificuldades de aprendizado, a escolha por uma pesquisa de base qualitativa fez-se com objetivo de ampliar as vozes de um grupo socialmente estigmatizado. Nos últimos anos, segundo Bonini *et al* (2010), os estudos sobre a dislexia proporcionaram avanços no que diz respeito aos métodos de ensino em escolas e às criações de leis de educação, mas não contemplaram, de forma ampla e significativa, a relação existente entre o tema e a vida adulta.

Ao entendermos, consoante às ideias de Moita-Lopes (2009) e Cavalcanti (2006), que é necessário fazer pesquisa e política conjuntamente, fazendo com que vozes - sobretudo a de minorias - sejam ouvidas, percebemos a necessidade de investigar jovens universitários com dislexia através de métodos e ferramentas que pudessem sustentar, de forma multifacetada e consistente, questões sociais acarretadas pelo distúrbio em foco.

Segundo Santos (2010, p.73), “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o indivíduo e a sociedade, uma interdependência entre o sujeito e o objeto de estudo, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Estudar jovens universitários com dislexia, a partir dessa perspectiva, propõe interpretá-los, sem deixar de considerar o seu cotidiano, sua complexidade e as suas relações sociais, sejam elas familiares, acadêmicas ou de âmbitos outros.

Por fim, ao optarmos por uma pesquisa de viés qualitativo, enfatizamos, de acordo com Denzin e Lincoln (2003), a natureza de valores de investigação que

realçam o modo como a experiência é criada e constitui significado, entendendo que o processo de andamento da pesquisa proporciona um projeto cívico com potencial para estabelecer emancipação e transformação. (Celani, 2005)

4.1.4

A entrevista de pesquisa

Com base em pressupostos de pesquisa qualitativa e interpretativista, a entrevista de pesquisa não pode ser vista como momento em que pesquisador busca extrair informações de seus sujeitos de pesquisa com finalidade única de geração de dados, mas como movimento interacional e conversacional que ocorre durante o processo de perguntas e respostas entre participantes, onde se manifesta também como eles percebem uns aos outros, como negociam identidades e como caracterizam e ligam os mundos sobre os quais falam. (Baker, 2001, p.777)

Mishler (1986) nos posiciona criticamente em relação à utilização desse método, propondo compreender a entrevista como um evento social, no qual o discurso é coconstruído entre entrevistado e entrevistador. Para Mendes (2003), a própria dinâmica da situação de entrevista dá informações preciosas sobre os participantes e os meios sociais onde se inserem.

Mendes (2003, p.10) aponta também que numa situação de entrevista, o entrevistado, mais do que comunicar ou partilhar significados, pode estar negociando as suas identidades, arrastando neste processo o entrevistador e obrigando este a negociar, alterar ou sublimar também suas identidades.

A entrevista, segundo Elliot Mishler (1986), pode ser vista como uma oportunidade cedida para o nascimento de uma narrativa, ou como assim indicou Mendes (2003, p.11), como momento de interação “como jogadas ou movimentos coreografados, em que os sujeitos (entrevistador e entrevistados) se constroem ou se reformulam através do discurso”.

4.2

Natureza dos dados

A pesquisa foi realizada a partir de dados orais gerados em entrevistas com jovens universitários com dislexia que narram suas histórias de vida, envolvendo desde momentos vivenciados na infância até o ingresso na universidade, englobando situações escolares e familiares ao longo desse percurso. A escolha dos sujeitos de pesquisa foi decidida a partir da observação de entrevistas individuais realizadas com três jovens nos meses de maio e junho do ano de 2012. Houve um encontro com cada entrevistado. Todos os sujeitos de pesquisa foram indicados por amigos da pesquisadora após tomarem conhecimento de sua temática de investigação.

Após o contato inicial, feito através da internet ou através de telefone, o encontro era marcado no local escolhido pelo entrevistado para que a atividade pudesse ser realizada. Apenas um dos entrevistados, aqui identificada como Isabela, mostrou resistência no momento em que pesquisador e sujeito de pesquisa negociavam o encontro. Embora relatasse suas questões frente à dislexia para a pesquisadora através de um chat de um site de relacionamentos, evitava o encontro face a face. Após o estabelecimento de confiança e a insistência da pesquisadora, a entrevistada aceitou o encontro para uma conversa informal e a geração dos dados.

Dos três sujeitos de pesquisa que participaram das entrevistas, apenas dois foram escolhidos para análise, doravante nomeados com nomes fictícios de Isabela e Ricardo¹. Ambos foram escolhidos, pois mostravam, de forma mais clara, não só conflitos em suas redes de relações, mas também uma reflexão bastante interessante e aprofundada sobre a dislexia, suas causas e suas consequências em esferas como escola e família.

¹ Para que a privacidade dos sujeitos de pesquisa fosse mantida, seus nomes e nomes de pessoas com as quais se relacionam foram trocados.

4.2.1

Os sujeitos de pesquisa e os contextos de geração de dados

Nessa seção, serão apresentadas algumas características dos sujeitos de pesquisa e os contextos nos quais foram realizadas as entrevistas. A ordem de apresentação adotada é consoante à ordem de registro e realização das entrevistas. Primeiro, apresento Isabela. Em seguida, considerações sobre Ricardo.

4.2.1.1

Isabela

Isabela é brasileira, solteira, de etnia branca, tem 21 anos e é filha de pais separados. Reside com sua mãe, com seu padrasto e com sua irmã, em Santa Rosa, Niterói, município do Rio de Janeiro. É graduanda do curso de História da faculdade de formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP). Participa da organização do Centro Acadêmico de História e do movimento estudantil da universidade. Sempre estudou em colégios da rede privada de Niterói. Foi diagnosticada com dislexia no ensino médio, com aproximadamente 16 anos.

Isabela foi entrevistada no dia 11 de Junho de 2012, em um período de greve dentro do Centro Acadêmico. A entrevistada sugeriu o local, pois participaria de uma reunião estudantil na faculdade naquela tarde. O campus estava pouco movimentado e a entrevista, na maior parte do tempo, deu-se apenas com a presença de entrevistada e entrevistadora. A entrevista foi gravada com um aparelho de gravação de voz.

No início da entrevista, Isabela fumou um cigarro enquanto a pesquisadora fazia uma apresentação de si. Ao longo da atividade, Isabela falava e gesticulava de forma frequente, mostrando seu alto envolvimento na interação. Sua voz oscilava em tons altos e baixos. Em alguns momentos, reagiu com muita emoção com risos e choros. A pesquisadora compartilhava das mesmas atitudes também rindo quando compartilhavam ideias e chorando quando a entrevistada mostrava-se fragilizada ao falar de sua relação com a mãe. A entrevista durou aproximadamente 75 minutos.

4.2.1.2

Ricardo

Ricardo é brasileiro, solteiro, de etnia branca. É filho de pais casados, tem 27 anos e mora sozinho em Nova Friburgo, município da Região Serrana do Rio de Janeiro. É graduando do curso de Direito da Universidade Cândido Mendes (UCAM), localizada próxima a sua residência. Possui afinidade com música e artes. Sempre estudou em colégios da rede privada de Nova Friburgo. Começou a ter dificuldades com a escrita desde a alfabetização e começou a frequentar fonoaudióloga desde criança. Foi diagnosticado com dislexia ainda no ensino fundamental I.

Ricardo foi entrevistado no dia 24 de junho de 2012, em um café localizado dentro de um movimentado shopping de Niterói, município do Rio de Janeiro. O primeiro contato feito entre pesquisador e pesquisado deu-se por telefone. No mesmo dia, um encontro foi negociado e realizado por sugestão de Ricardo. No momento da entrevista, estavam a pesquisadora, o pesquisado e sua namorada, aqui chamada de Carla. A entrevista foi gravada com um aparelho de gravação de voz.

Antes da gravação, a pesquisadora agradeceu o rápido retorno ao saberem da pesquisa. O entrevistado disse que gostaria muito de falar sobre o assunto e aproveitou um compromisso que tinha no Rio de Janeiro para conversar sobre suas experiências com a dislexia para a pesquisadora. No início da entrevista, já sendo gravada, a pesquisadora fez uma apresentação de si. Ao longo da atividade, Ricardo também falava e gesticulava de forma frequente, confirmando seu alto envolvimento na interação proposta. Sua namorada, em silêncio durante boa parte da entrevista, apoiava Ricardo fazendo gestos positivos com a cabeça ou validando o que ele dizia. A interação foi amigável e agradável entre os participantes. A entrevista durou aproximadamente 60 minutos.

4.3

Ética da pesquisa

Uma pesquisa, situada dentro de uma perspectiva qualitativa e interpretativista, necessita de um posicionamento ético e responsável, visto que sua elaboração, sua divulgação e suas implicaturas acarretam não só novas percepções de mundo, mas também novas construções diante dos grupos e dos sujeitos que dela participam.

Frente à abordagem qualitativa, é preciso preocupar-se com “a produção de conhecimento, com a compreensão dos significados, com a qualidade dos dados, focando valores fundamentais como a confiança, a responsabilidade, a veracidade, a qualidade, a honestidade, a respeitabilidade e não a busca da riqueza ou do poder” (Celani, 2005, p.106).

Segundo De Grande (2011, p.19), em uma pesquisa de natureza qualitativa, se faz necessário um “esforço constante para perceber e levar em conta o contexto de geração de dados e suas mudanças, principalmente quando selecionamos e interpretamos esses dados”, já que tal atitude (re)produz representações sociais. De acordo com Celani (2005), a dificuldade de estabelecer perguntas e participantes, diante disso, exige uma reflexão aprofundada e um monitoramento constante.

Um posicionamento ético de pesquisa pondera que há entre pesquisador e pesquisados uma vivência compartilhada e que os efeitos dos caminhos percorridos pelo pesquisador podem prejudicar ou beneficiar ambos os envolvidos no trabalho de pesquisa, considerando de que forma é feito e com que objetivo ou finalidade se realiza. (De Grande, 2011, Fabrício, 2006)

A preocupação de não denegrir, nem reproduzir imagens estereotipadas de grupos sociais, conforme De Grande (2011), deve incidir sobre o recorte dos dados, sobre o tratamento diante deles e sobre a análise durante o processo de investigação.

Também fazem parte da conduta ética do pesquisador medidas de proteção ao sujeito de pesquisa. Por isso, se torna necessário, deixar claras as proposições da pesquisa da qual os sujeitos participam de forma ativa e fundamental. Em Celani (2005), observamos:

É indispensável o consentimento informado, esclarecido, na forma de diálogo contínuo e reafirmação de consentimento ao longo da pesquisa. Esse diálogo possibilitará ao pesquisador certificar-se de que os participantes entenderam os objetivos da pesquisa, seu papel como participantes, ao mesmo tempo em que deixa clara a esses a liberdade que têm de desistir de sua participação a qualquer momento. A preocupação do pesquisador deve ser sempre a de evitar danos e prejuízos a todos os participantes a todo custo, salvaguardando direitos, interesses e suscetibilidades. (Celani, 2005, p.110)

Na pesquisa desenvolvida com jovens universitários, houve a preocupação com o esclarecimento sobre a temática e a participação dos sujeitos. Desde o contato inicial até o momento das entrevistas, a pesquisadora explicou sobre as motivações que a levaram até o interesse de pesquisa e o encontro com os sujeitos que com ela coconstruíram significados e identidades ao longo da interação das entrevistas. Além disso, os sujeitos de pesquisa documentaram um termo de autorização (v. documento de autorização presente no anexo), permitindo que os dados gerados servissem de base para o presente estudo.

4.4

Tratamento dos dados

Ao passo que pesquisador e sujeitos de pesquisa interagiram ao longo das entrevistas, dados foram gerados em momentos de fala em interação. Nesses momentos, percepções, comportamentos, avaliações e identidades foram sendo construídos e negociados de acordo com os fatos narrados pelos jovens universitários disléxicos.

4.4.1

Mapeamento dos dados

Após as entrevistas de pesquisa, ouviram-se os dados, estabeleceram-se objetivos e questões teóricas referentes a eles. Após essa etapa, os dados foram

separados de acordo com as temáticas que emergiram ao longo das interações com Isabela e Ricardo.

Depois da separação dos dados gerados, se optou um olhar mais atento em relação à rede de relações, em instituições como família e escola, trazidas pelos sujeitos de pesquisa em suas narrativas.

Para o capítulo de análise, foi importante separar etapas em contextos como escola e família e processos de criação de inteligibilidade, pois elas apontavam questões interessantes frente ao modo como os sujeitos se construíam ou construíam pessoas presentes em suas vidas e em suas narrativas por meio do relatar das experiências.

4.5

Critérios de transcrição e a fala em interação

Para análise dos dados orais presente nos capítulos 5 e 6 deste trabalho, utilizaram-se convenções baseadas nas normas de transcrição de Atkinson e Heritage (1984), incorporando-se símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989) no âmbito da Análise do Discurso (v. Convenções de Transcrição em anexo).

O conceito fundamental de interação, segundo Koch (2010), tem caráter globalizante e dinâmico, sendo o local onde a realidade social é constantemente fabricada pelos atores sociais. Por isso, se considerou, na atividade de interpretação e análise dos dados, que a fala em interação revela não somente narrativas estruturadas construídas por pesquisador e pesquisados, mas a forma como os sujeitos de pesquisa produzem significados ao que narram através do modo como operam essa atividade, atribuindo também valores e sentidos às identidades daqueles que participam tanto da interação, quanto das narrativas coconstruídas no momento de entrevista de pesquisa.

No início de cada entrevista, o pesquisador-entrevistador foi responsável por estabelecer a atividade e monitorá-la. Foi possível notar também que, em ambas as entrevistas de pesquisa selecionadas, o pesquisador envolve-se, encoraja, valida, compartilha e confirma seu engajamento de modo que os entrevistados possam continuar suas narrativas, dividindo experiências e situações vivenciadas por eles.

O interesse na fala em interação atua de forma a compreender como as unidades linguísticas encontradas funcionam no momento de conversação. Nessa linha, é possível situar os estudos de narrativas, o foco no tópico, na estrutura de participação, nas estratégias de envolvimento, entre outras. (Pereira, 2002)